



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**AIDA SILVA FERREIRA
ROSINEIDE SOUSA DE SOUSA**

**AS DIFICULDADES DO PROFESSOR NO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA:
Um estudo da alfabetização e letramento no 3º/9 ano do ensino fundamental.**

BELÉM/PA

2017

AIDA SILVA FERREIRA
ROSINEIDE SOUSA DE SOUSA

AS DIFICULDADES DO PROFESSOR NO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA:
Um estudo da alfabetização e letramento no 3º/9 ano do ensino fundamental.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Rural da Amazônia no PARFOR. Orientado pela Prof^ª. Msc. Telma Nazaré de Sousa Pereira.

BELÉM
2017

Ferreira, Aida Silva

As dificuldades do professor no processo de leitura e escrita: um estudo da alfabetização e letramento no 3º/9ano do ensino fundamental / Aida Silva Ferreira, Rosineide Sousa de Sousa. – Belém, 2017.

46 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) – Plano Nacional de Formação de Professores, Universidade Federal Rural da Amazônia, 2017.

Orientadora: Telma Nazaré de Sousa Pereira.

1. Alfabetização - leitura e escrita2. Alfabetização 3. Letramento I. Sousa, Rosineide Sousa de II. Pereira, Telma Nazaré de Sousa, (orient.) III. Título

CDD – 372.414

AIDA SILVA FERREIRA
ROSINEIDE SOUSA DE SOUSA

AS DIFICULDADES DO PROFESSOR NO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA: Um
estudo da alfabetização e letramento no 3º/9 ano do ensino fundamental.

BANCA EXAMINADORA

1 _____(Orientadora)

Profa. Msc. Telma Nazaré de Sousa Pereira/UFRA

2 _____(Examinador)

Professor / UFRA Fábio Colins da Silva

3 _____(Examinador)

Professor / UFRA

Julgado em: ___/___/___

Conceito: _____

Dedicamos aos nossos familiares por saberem compreender os nossos momentos de ausência em suas vidas.

AGRADECIMENTOS

À Deus por ser nossa fonte de inspiração nesta caminhada,

Aos mestres pelos conhecimentos repassados para chegarmos a esse objetivo, em especial a prof^a. Mestra Telma Pereira, orientadora da pesquisa. **AS DIFICULDADES DO PROFESSOR NO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA: um estudo da alfabetização e letramento no 3º/9 ano do ensino fundamental.**

A todas as pessoas que nos ajudaram direto e indiretamente ao longo deste estudo.

Não é o desafio com que nos deparamos que determina quem somos e o que estamos nos tornando, mas a maneira com que respondemos aos desafios. Somos combatentes, idealistas, mas plenamente conscientes, porque o ter consciência não nos obriga a ter teoria sobre as coisas: só nos obriga a sermos conscientes. Problemas para vencer, liberdade para provar. E, enquanto acreditamos em nosso sonho, nada é por acaso. (HENFIL)

RESUMO

Este estudo tem o objetivo analisar as dificuldades do professor no processo de leitura e escrita no estudo da alfabetização e letramento para alunos do 3º ano do Ensino Fundamental. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e de campo com uma abordagem qualitativa interpretativa, onde foi aplicado questionário com perguntas abertas e fechadas, para quatro professores, sendo que dois são da E.M.E.F Serafim Pinto Cardoso e dois da E.M.E.F Luzia Viana Prata. As duas escolas estão situadas no Estado do Pará em municípios diferentes. Verificou-se a partir dos dados coletados, que os professores precisam rever os métodos utilizados para trabalhar a leitura e a escrita dos alunos, pois as dificuldades encontradas são: a falta do material didático que não são repassados aos professores como deveria ser, a falta de incentivo da família na educação dos filhos é um dos motivos que contribui para o mau desenvolvimento no ensino e aprendizagem do aluno para uma alfabetização e letramento adequado. Concluiu-se que os professores são conscientes que nem todos os alunos conseguem sair para um novo ano alfabetizado e dominando o letramento como o sistema pede, por isso é certo que precisa-se encontrar métodos adequados, como que partindo do conhecimento prévio que o aluno traz de sua realidade, para dá início no processo de ensino da leitura para depois partir para uma escrita estimulada pelas práticas e experiências do professor para que o aluno obtenha uma alfabetização significativa, uma boa escrita e uma excelente leitura, interpretar o que lê, ou seja se concretize o letramento.

Palavras-Chaves: alfabetização, letramento, educação, aprendizagem.

ABSTRACT

This study aims to analyze the difficulties of the teacher in the process of reading and writing in the teaching of literacy and literacy teaching for students of the third year of Elementary Education of nine years. The methodology used was the bibliographical and field research with a qualitative interpretive approach, where a questionnaire was applied with open and closed questions, for four teachers, two of which are from municipal school S.P.C. and two are from the Municipal School L.V.P. Located in the state of Pará. It was verified from the collected data that teachers need to review the methods used to work the students reading and writing, because the difficulties found are: lack of didactic material that is not passed on to teachers . The lack of family encouragement in the education of children. It was concluded that teachers are aware that not all students are able to leave for a new literate year and mastering the literacy as the system asks, it is certain that it is necessary to find suitable methods that favor the process of teaching and learning of literacy and the Literacy as starting from the previous knowledge that the student brings from his reality, to begin in the process of teaching reading and then to start writing stimulated by the teacher's practices and experiences so that the student obtains meaningful literacy, good writing and An excellent reading, to interpret what he reads, that is to say, his literacy.

Key Word: literacy, literacy, education, learning.

LISTA DE ABREVIATURAS

CNE – Conselho Nacional de Educação

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEC – Ministério da Educação e Cultura

PDDE – Programa Dinheiro Direto na Escola

PNAIC – Pacto Nacional para Alfabetização na Idade Certa

PNE – Plano Nacional de Educação

SEB – Secretaria de Educação Básica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
I EDUCAÇÃO: ASPÉCTOS HISTÓRICOS, CONCEITOS E FINALIDADES	13
1.1 A importância da educação para o ser humano	14
1.2 Historicidade e finalidades da educação: um processo de transformação ao longo do tempo.....	15
1.3 A educação nas leis de diretrizes base nº 9.394/96.....	17
II LEITURA E ESCRITA.....	19
2.1 As interações da Leitura e da Escrita no processo de alfabetização e letramento	19
2.2 Conceituando alfabetização e letramento.....	24
III ANÁLISE A PARTI DOS PROFESSORES DO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, DA E.M.E.F. “SERAFIM PINTO CARDOSO “ E.M.E.F. ”LUZIA VIANA PRATA”	28
3.1 Metodologia	28
3.2 O Ambiente da Pesquisa	29
3.2.1 Perfil da Escola.....	29
3.2.1.1 Sujeitos da Pesquisa.....	30
3.3 ANÁLISE DE DADOS	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
APÊNDICE	
ANEXO	

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda questões relevantes da leitura e da escrita e analisa como as mesmas estão sendo desenvolvidas no processo de alfabetização e letramento e como estão sendo aplicado pelos professores de alunos de 3º ano do Ensino Fundamental nas escolas: E.M.E.F. Serafim Pinto Cardoso no Município de São Caetano de Odivelas e E.M. E. F. Luzia Viana Prata no Município de Santo Antônio do Tauá.

Acredita-se que esta pesquisa poderá desenvolver propostas diferenciadas de trabalho como por exemplo, alfabetizar letrando, uma vez que cabe a escola possibilitar a leitura com forma de desenvolver nos alunos a capacidade de ler e entender o que leu. Pois sabe-se que a partir da década de 1980 especialistas da ciência linguística e da educação passam a contestar as formas tradicionais de alfabetização, uma vez que a pesquisa aponta que a população embora alfabetizada não dominava as habilidades da leitura e escrita.

Contudo nas sequências das críticas dos modelos cartilhescos surgem a pesquisa de Ferreiro e Teberosky (1996) que promove uma ampla visão das práticas tradicionais da leitura e escrita, surgindo assim o letramento para reinventar as relações do ensino aprendizagem. É favorável instigar os alunos do 3ºano a importância da leitura e da escrita no processo de alfabetização e letramento para uma aprendizagem significativa.

Percebe-se que as escolas têm como eixos principais o ensino e aprendizagem dos educandos, porém é notório que algumas não acompanharam o desenvolvimento das teorias de Emília Ferreiro e Teberosky sobre a aquisição da escrita e leitura, uma vez que se utiliza modelos tradicionais de alfabetizar desconectado do letramento.

Sabe-se que o entrelaçamento do alfabetizar letrando de acordo com Ferreiro e Teberosky (1996) possibilita a criança o desenvolvimento de sua capacidade leitora; e o professor concebe por meio dessa prática pedagógica uma nova maneira de ver e interpretar o mundo do educando proporcionando, assim alternativas que estimulam o hábito de ler e escrever. Embora a criança não saiba o significado da leitura e da escrita, deve ser envolvida no contexto leitor que circulam na sociedade.

Contudo o ensino fundamental de nove anos exige que a criança aprenda a ler até o final do 3ºano para poder avançar, para o 4º devido essa exigência criou-se o Pacto Nacional para alfabetização na idade certa (PNAIC) ofertada pelo governo Federal com apoio dos Estados e Municípios, fornecendo curso de formação continuada para professores do primeiro ciclo, com encontros bimestrais dos participantes cadastrados no MEC. Ministrados por tutores com aulas presenciais a quem compete também o processo de monitoramento na rotina de sala de

aula como garantia de um aprendizado eficaz no primeiro ciclo da alfabetização, objetivando que todas as crianças saibam ler e escrever até aos 8 anos de idade, ao concluírem o 3º ano. Assim este trabalho tem como objetivo específico verificar de que maneira a alfabetização e letramento estão sendo aplicados aos alunos do 3º ano das escolas Serafim e Luzia Viana? Como a leitura e a escrita estão sendo trabalhadas nas escolas mencionadas? Quais são os possíveis avanços e dificuldades encontradas pelos docentes dessas escolas para alfabetizar letrando?

A partir desses questionamentos acima descritos acredita-se que esta pesquisa chegue ao seu objetivo espera do que é analisar as dificuldades do professor no processo de leitura e escrita no estudo da alfabetização e letramento para alunos do 3º ano do ensino fundamental. Apresenta-se a pesquisa em loco com as vivências e observações realizadas em duas escolas com turmas das do 3º/9 ano e diálogos com professores alfabetizadores sobre os seus métodos pedagógicos. As escolas pesquisadas são: Serafim Pinto Cardoso, localizado na Vila de São João dos Ramos, município de São Caetano de Odivelas e Luzia Viana Prata em São Raimundo dos Borralhos, município de Santo Antônio do Tauá- Pará.

Torna-se pertinente destacar que o processo norteador deste trabalho, desenvolveu-se a partir de pesquisa bibliográfica e de campo com uma abordagem qualitativa e quantitativa e analítica, com apresentação de questionário e levantamentos de trabalhos teóricos vinculados à prática da leitura e escrita, dentro do processo de alfabetização e letramento. Assim, para a pesquisa bibliográfica serviram de fontes os autores: Emília Ferreira e Teberosky, Magda Soares, Jean Piaget e Vygotsky, Paulo Freire entre outros que contribuíram para a fundamentação teórica, assim como a pesquisa de campo realizada junto aos professores das escolas investigadas; com intuito de desenvolver mecanismo, para que possam utilizar no processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Este trabalho conta com três capítulos: o primeiro capítulo fala sobre a educação, seu conceito e sua história. O segundo aborda a leitura e a escrita no contexto de alfabetização e letramento dentro do ensino fundamental de 09 anos e a importância do PACTO nesse ensino e o terceiro apresenta a pesquisa de campo com análise de dados, dos professores do 3º ano de duas escolas em dois municípios do Estado do Pará.

CAPÍTULO I

EDUCAÇÃO: ASPÉCTOS HISTÓRICOS, CONCEITOS E FINALIDADES.

Neste capítulo, a educação favorece o entrelaçamento de saberes de uma geração à outra, em um processo contínuo de aprendizados, sendo determinantes para as ações humanas se

alicerçarem plenamente, desencadeando sistemas de convivências humanizadas e socializadoras, que favoreçam o fortalecimento de uma cidadania plena e eficaz exercitada nas escolas, para uma convivência criadora e transformadora na sociedade que as insere.

1.1 A importância da educação para o ser humano

A educação é algo indispensável à vida do ser humano, seja no desenvolvimento intelectual, social ou cultural, afirmando a força que move o mundo.

Como afirma Queiroz (2011, p.109)

É a ação exercida por meio de métodos particulares, com o objetivo de desenvolvimento ou preparação social, intelectual, moral, física e objetiva de uma criança ou jovem. Transmissão da cultura de uma geração para a outra. Civilidade, nível ou tipo de ensino.

De acordo com os itens acima citados, a educação passa por vários estágios para chegar a uma aprendizagem satisfatória, pois o intelecto do indivíduo só desenvolve por meio de um sistema que determina que caminho se deva tomar para ter uma educação de qualidade, porém, é necessário ter um corpo docente empenhado em fazer esse nível de aprendizagem coletiva, participativa, aprendendo e ensinando e vice e versa.

Portanto para que haja uma aprendizagem significativa é preciso que os docentes estejam preparados ao desafio de enfrentar a aceitação ou a rejeição de jovens ou supostamente crianças prontas ou não a receber os ensinamentos e, partindo desse aprendizado, espera-se que tais indivíduos tornem-se pessoas melhores dentro da sociedade em que estão inseridos.

Brandão (1993, p. 11) afirma que:

A educação ajuda a pensar tipos de homens, mais do que isso, ela ajuda a criá-los através de pensar um para os outros o saber que o constitui e legitima. Produz o conjunto de crenças e ideias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos e poderes que, em conjunto constroem tipos de sociedade.

A partir do momento em que o indivíduo se comunica com o outro, ele é capaz de aprender, pois, em um relacionamento afetivo baseado na aproximação que um indivíduo tem com outro, é capaz de adquirir conhecimento.

De acordo com a Organização das nações unidas para educação ciências e cultura (UNESCO) (2010, p. 31)

Para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, Isto é adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, afim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente aprender a ser, via essencial que integra os três precedentes

Os quatro pilares da educação segundo a UNESCO, vem com aprendizagens distintas para o educando desde o primeiro contato dele com o ensino escolar, e servirá de base para uma vida inteira, pois ajudará no seu aprendizado e na forma com que este indivíduo vai precisar estar preparado para conviver com o outro neste mundo, respeitando suas diferenças e tornando-se cidadão de bem e pronto para enfrentar os desafios que a vida lhe proporcionar.

Segundo, Oliveira (2009, p. 1) A educação acontece:

No sentido mais amplo, educação é um processo de atuação de uma comunidade sobre o desenvolvimento do indivíduo a fim que ele possa atuar em uma sociedade para a busca da aceitação dos objetivos coletivos. Para tal educação, devemos considerar o homem no plano físico e intelectual consciente das possibilidades e limitações, capaz de compreender e refletir sobre a realidade do mundo que o cerca, devendo considerar seu papel de transformação social como uma sociedade que supere nos dias atuais a economia e a política, buscando solidariedade entre as pessoas, respeitando as diferenças individuais de cada um.

De acordo com as palavras do autor, a educação inicia-se em casa no seio familiar de maneira informal e tende a ampliar-se com seu convívio social respeitando suas limitações. Mas, o ensino educacional, formal quando favorece uma aprendizagem significativa pode contribuir nas práticas do educando na sociedade. Esta por sua vez, dá condições no âmbito educacional social, favorecendo o aspecto intelectual entendendo os objetivos propostos de acordo com suas possibilidades cognitivas. Tornando o homem capaz de socializar e está apto para o mercado de trabalho.

1.2 Historicidade e finalidades da educação: um processo de transformação ao longo do tempo.

Ao longo do tempo a educação é uma ferramenta indispensável à vida humana e se constrói dos posicionamentos oriundos dos contextos a qual está inserida dinamizando as relações sociais abrangendo todas as dimensões, de maneira que ela se diversifica por ser dinamizadora e portadora da herança da sociedade.

A educação na contribuição de Libâneo (1994, p. 16-17):

A educação é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades. Cada sociedade precisa cuidar da formação dos indivíduos, auxiliar no desenvolvimento de suas capacidades físicas e espirituais, prepará-los para a participação ativa e transformadora nas várias instâncias da vida social

Percebe-se a educação como uma oportunidade para moldar o ser humano junto ao grupo de um determinado contexto. Segundo, Libâneo(1994) a educação é uma prática humana e social, que modifica os seres humanos nos seus estados físicos, mentais, espirituais, culturais, que configura sua existência humana individual e grupal.

No Brasil após a Proclamação da República em 1889, a educação passa a ter mais valorização, ou seja, torna-se aberta ao público, tornando-se obrigatória o indivíduo buscar o desenvolvimento sem um objetivo concreto, pois não conheciam até onde a educação poderia melhorar e condicionar o país para um crescimento educacional, pois já havia outros países à frente com uma educação de qualidade comparando a educação brasileira.

Vale ressaltar que no século XX, muitas mudanças e conquistas aconteceram na área da educação brasileira, tanto no campo educacional, quanto nos grandes movimentos, pois havia ainda muito para ser alcançado. Mas ela se organiza principalmente pelo poder público, pois havia interesse próprio, não muito diferente nos dias de hoje, que supri os interesses políticos do país, como se pode verificar em seguida, Gadotti (1990, p. 140) “A educação sempre foi política, o que precisamos é ter clareza do projeto político que ela defende, politizando-a. Assim, através das lutas dos movimentos sociais foram feitas reivindicações em busca de uma educação de qualidade e escolas adequadas. Mas os resultados positivos que se conseguiu até hoje, foi resultado de vários anos de sonhos e desejos que ainda não foram totalmente alcançados.

Diante do processo da industrialização em 1920 cresce a urbanização eo povo passa a reivindicar o direito de frequentar a escola e o aumento de vagas no sistema escolar. Na época, segundo Instituto brasileiro de geografia e estatística IBGE (1961) o índice de analfabetismo atingiu 80 % da população. Desde a década de 1930 até o início dos anos de 1950, o ensino escolar se expande. Foi marcado pela criação do Ministério da Educação e Saúde. Um ministério que organiza o sistema de ensino e das universidades criadas.

Em 1961, após 13 anos de discussões foi aprovada a primeira Lei de Diretrizes e Bases da educação (LDB), em torno da lei houve uma intensa discussão: o ensino deveria caber apenas à União ou ser confiável também a estabelecimentos particulares? De um lado estava a Igreja católica, principal liderança no ensino secundário (médio) particular; de outro os defensores da democratização do ensino, ou seja, de uma escola pública e de qualidade para todos.

Em 1971, uma nova LDB, a Lei nº 5.692, aumentou a obrigatoriedade de educação de 4 para 8 anos; integrou todos os níveis de ensino e acabou com a separação entre secundários e técnico; eliminou os exames de seleção para entrar no ginásio (Fundamental). Não obstante esses avanços continuaram a existir dois ensinos: um destinado aos ricos e outro aos pobres.

Contudo uma nova constituição, promulgada em 1988, trouxe importantes vitórias para a educação; a gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; a extensão gradativa do ensino obrigatório e gratuito ao Ensino Médio; o atendimento a crianças de até

06 anos de idade em creches e pré-escolas; a determinação da quantidade de recursos que estados e municípios devem aplicar na área profissional; a prioridade do Ensino Fundamental; a educação como obrigação a ser compartilhada entre o estado e a família.

Assim também em 1996, foi aprovada uma terceira LDB. Ao terminar a década de 1990, o país já oferecia vagas no Ensino Fundamental, para todas as crianças e adolescentes. O aspecto essencial, então, era dar mais atenção a qualidade do ensino. Com repasse de recursos da União para os estados e municípios, será possível melhorar a formação dos professores e sua situação salarial. Esperam-se também mais investimentos, para que seja possível melhorar os prédios e estabelecimentos escolares, e ainda, busca-se a adequação dos currículos e da avaliação, assim como o estabelecimento de relações mais igualitárias nas escolas.

1.3 Educação nas Leis de Diretrizes Bases (LDB) nº 9.394/96

A Lei Diretriz e Bases da Educação (LDB) nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, diz que:

ART. 1º. A educação abrange os processos formativos que se desenvolve na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. Inciso 1º. Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolvem, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias. Inciso 2º. A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

Deste modo, a educação se dá por meio de um grupo social seja a família, a igreja, clubes e associações entre outros, enfim, a experiência de um contribui para a educação do outro. Portanto, a educação é uma relação sequencial, preparando o ser humano para a vida futura, pois, o mercado de trabalho exige qualificação, ou seja, o desenvolvimento intelectual parte de acordo com a faixa etária do indivíduo. E durante este processo, a tendência é levá-lo a um desafio de ir à busca do conhecimento que servirá para a vida cotidiana.

No Brasil a educação é regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases de educação, pelo Fundo de manutenção e Desenvolvimento de Educação Básica. O Capítulo II da lei 5.692/71 no Art. 4º, diz que o Ensino Fundamental possui duração de 08 (oito) anos obrigatório e gratuito na rede pública de Ensino. Tendo como objetivo a formação básica do cidadão, corresponderá ao Ensino de 1º grau.

Assim percebemos então, que a educação se torna uma Lei que responsabiliza os pais ou responsáveis, se a criança não aceita, e não gosta do ambiente escolar ou do corpo docente, diga-se de passagem, não se socializará de maneira satisfatória. E são leis impostas pelo governo que não podem ser contrariadas. Portanto a nova LDB 9394/96 vem alterar a lei

5692/71 quando dispõem sobre a educação de 9 anos para ensino fundamental, com matrícula obrigatória partir de 06 anos de idade.

Percebe-se uma alteração na Lei, LDB9394/96 e com isso nota-se que houve mudanças no ingresso da criança no Ensino Fundamental com relação à idade. Então, cria-se um novo padrão, onde o aluno ingressará não mais com 7(sete) anos de idade na primeira série mas sim com 6 (seis) anos de idade, no primeiro ano, sendo um processo de alfabetização nos três primeiros anos.

O Ensino de 09 anos está prevista na Lei nº 9.394/1996 (Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional) e em uma das metas do Plano Nacional de Educação (PNE), a ampliação do Ensino Fundamental para 09 (nove) anos, desde o ano de 2003, vem sendo discutida pela Secretaria de Educação Básica (SEB/MEC) com as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação.

Portanto, a matrícula teria que ser efetuada conforme a resolução de 17 de dezembro de 1996 que estabelece a criança a cursar no estabelecimento de ensino com a idade de 06 (seis) anos completos até 31 de março. Assim, promovendo este até o 2º ano/09, e podendo ser reprovado ou promovido para o 4º ano.

O Ensino de 09 anos está prevista na Lei nº 9.394/1996 (Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional) e em uma das metas do Plano Nacional de Educação(PNE), a ampliação do Ensino Fundamental para 09 (nove) anos, desde o ano de 2003, vem sendo discutida pela Secretaria de Educação Básica (SEB/MEC) com as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação.

A obrigação pela faixa etária dos 06 (seis) aos 14 (quatorze) anos para o Ensino Fundamental de 09 (nove) anos segue a tendência das famílias e dos sistemas de ensino, de inserir progressivamente as crianças de 06 (seis) anos na rede escolar, possibilitando-lhes efetivamente uma ampliação qualitativa do seu tempo na escola. Entretanto pode se perceber que a ampliação do Ensino Fundamental de 09 (nove) anos leva necessariamente, a repensá-lo no seu conjunto, uma vez que implica em:

- a) - Reestruturar a Educação Infantil de acordo com a Resolução nº 3/2005 – CNE/CEB, que adotou nova nomenclatura para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental;
- b) - Promover de forma criteriosa, com base em estudos, debates e envolvimento no âmbito de cada Sistema de Ensino, a adequação do Projeto Pedagógico Escolar para ingresso das crianças de 06 (seis) anos de idade nas Instituições de Ensino, assegurando a continuidade as suas experiências anteriores, para que elas gradativamente sistematizem os conhecimentos de forma mais natural possível, no seu processo de escolarização;

- c) -Conceber uma nova estrutura de organização dos conteúdos que considere o perfil dos seus alunos, sem que haja apenas transferência, para as crianças de 06 (seis) anos, dos conteúdos e atividades da primeira série adotadas nas escolas organizadas pela estrutura seriada;
- d) - Providenciar o atendimento das necessidades dos recursos humanos (docente e de apoio), em termos de capacitação e atualização, disponibilidade e classificação e/ou promoção na carreira;
- e) - Organizar os tempos, com menos cortes e discontinuidades, a respeito dos diferentes ritmos e formas de aprender dos alunos;
- f)- Estabelecer condições físicas adequadas ao funcionamento do curso, bem como material didático, mobiliário e equipamentos, todos estes elementos contabilizados como despesas com manutenção e desenvolvimento do Ensino Fundamental.

No primeiro capítulo apresentamos o conceito da educação, e os seus desdobramentos na sociedade e como é fundamental para o desenvolvimento integral do indivíduo como mecanismo de humanização social; e neste segundo capítulo a leitura e a escrita são refletidas como um processo especificamente humano expresso culturalmente de formas diversas nos inúmeros contextos que se articula

CAPÍTULO II

LEITURA E ESCRITA

Compreende-se que a leitura é importante em todos os níveis educacionais, portanto deve ser incentivada no processo de alfabetização e continuar nas diferentes etapas do ensino aprendizagem. Segundo Soares (2004, p. 44) a leitura constitui-se a dimensão individual, como uma tecnologia, um conjunto de habilidades linguísticas e psicológicas que se estendem desde a capacidade de decodificar palavras escritas de relacionar símbolos escritos a unidade de som, até a habilidade de compreender uma diversidade de materiais de leitura como por exemplo: literaturas, livros didáticos dicionários, jornais, revistas, receitas listas de compras, anúncios, rótulos, cardápios, sinais de trânsito entre outros.

2.1As interações da leitura e da escrita no processo de alfabetização e letramento

A leitura faz parte da vida do ser humano o dia inteiro, mesmo que ainda esse ser não tenha o domínio dos símbolos alfabético. Ler é condição necessária para a conquista da cidadania e participação social, para o acesso a informações que circulam das mais diversas maneiras, assim como para ingressar no mundo do trabalho.

A esse respeito Augusto (2011, V I p.200) afirma que:

A leitura está presente em nosso cotidiano. As letras e palavras estão presentes em embalagens de alimentos que consumimos placa de transito, nas fachadas de lojas etc. Vivemos em um mundo letrado. Entretanto, por ser rodeada de distintas representações no que tange as técnicas presentes na escrita, à alfabetização nesta óptica configura-se como um desafio que assombra muitos educadores.

O autor afirma que mesmo a pessoa não sabendo escrever ela consegue ler aquilo que faz parte de certa maneira de sua vida, por isso é possível reconhecer as coisas que vê, fazendo uma leitura bem segura. Queirós (2011, p.184) afirma que a leitura é a compreensão clara daquilo que se lê

Vale ressaltar que o primeiro contato com a leitura está na cultura do indivíduo e isso inicia-se no momento em que a criança começa a falar as primeiras palavras no convívio familiar, assimilando tudo que precisa para ter uma interação com todos da família para aprender a se comunicar, então, esse é o primeiro ensinamento que a criança adquire antes de entrar na escola.

De acordo com Gadotti (2004, p. 146)

Todas as definições sobre o que é ler levam à existência de um “leitor”, de um “código” e de um “autor”. Através do código, o autor expressa os seus pensamentos, comunicando-se com o leitor. O código é representado pelo texto, que deve ser compreendido, ou seja, é necessário que o leitor consiga atribuir-lhe significado dentro do contexto histórico em que vive.

Segundo Gadotti 2004 é necessário que criança consiga atribuir significado os textos que circulam na sala de aula, e os mesmos devem estar de acordo com seu contexto histórico para que desta forma o ensino favoreça uma aprendizagem significativa e também, para ser usado em sua prática social. É importante também que o docente respeite o tempo de aprendizagem do educando, uma vez que nem todos alunos aprendem da mesma maneira e ao mesmo tempo, pois é partindo desse princípio que o professor tem o dever de fazer experimentos até chegar em uma metodologia que favoreça a aprendizagem do educando.

Davis (1994, p. 52) enfatizar que Piaget formulou quatro estágios de desenvolvimento lógico, para respeitar o tempo de aprendizagem de cada criança:

- SENSÓRIO MOTOR (0 – 2 anos): Trata-se da fase inicial do desenvolvimento da vida. Neste estágio a criança utiliza-se de esquemas motores para resolver seus problemas, que são essencialmente práticos, e dessa forma os bebês começam a absorver símbolos mentais e balbuciar as palavras, conhecido como “simbolização”.
- PRE – OPERATÓRIO (2 – 7 anos): Este estágio foi o mais elaborado por Piaget, pelo motivo de existir uma variedade linguística e a utilização de vários símbolos, ou seja, representa a linguagem através de símbolos e adquire o raciocínio através dos ensinamentos do outro. A criança ainda não sabe diferenciar o que vem do divino ou do artificial, mas já sabe o que é bom ou mal.
- OPERATÓRIO CONCRETO (7 – 11): Neste estágio a criança vive em um mundo concreto e visível, ou seja, sai do invisível e entra no concreto, obtendo muitas informações através das observações com outras pessoas, mas ainda não

obtem a abstração do seu pensamento e os valores morais vão começando a ser conhecido pela criança a partir de sua convivência na sociedade.

- OPERATÓRIO FORMAL (12 anos em diante): Nesta fase a criança já sabe distinguir o real e o possível das coisas. A criança já usa o seu raciocínio mental para o real e o falso, essa ação liberta o adolescente do pensamento da fase concreta e já tem a capacidade de obter o pensamento abstrato para a sua compreensão dos conceitos de todas as coisas.

A teoria piagetiana, permite uma compreensão biológica e psicológica da evolução mental da criança, pois é importante conhecer como o organismo do sujeito reage ao receber uma informação nova do meio e ao tentar organizar essa informação em sua estrutura cognitiva. É importante saber também como essas informações tornam-se conhecimentos por meio da ação do sujeito na busca de adaptar-se ao ambiente. Ou seja, a teoria de Piaget oferece informações a cerca do desenvolvimento cognitivo que são imprescindíveis àqueles que desejam fazer de seus aprendizes sujeitos autônomos e capazes de construir conhecimentos e não de reproduzirem o que outros fizeram.

Segundo Ferreiro (1999, p. 23)

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita.

A autora acima citada afirma que a criança já chega na escola com um conhecimento prévio e sabe dá a devida importância da escrita para desenvolver o aprendizado a partir do código alfabeto, sabe-se que esta criança aprenderá muito mais rápido do que a criança que entra na escola sem expectativa nenhuma, pois essa criança terá muita dificuldade em seu aprendizado. Já a criança que tem o incentivo desde casa a tendência é desenvolver habilidades melhores.

Para a criança ter contato com a leitura precisa interpretar símbolos, imagens, gestos, desenhos, etc., promovendo dessa maneira a comunicação com várias formas de textos entre si e com o outro. Segundo Ferreiro e Teberosky (1985, p.26) “as crianças antes de sua entrada para a escola, já tem construções mentais sobre a leitura e a escrita e não se limitam a receber passivamente os conhecimentos”.

Segundo as autoras, a criança ao entrar na escola, já leva com ela uma leitura de mundo a partir de suas observações, interpretações e interagindo com outros para dar significados a tudo que os cerca. Ela utiliza as mesmas formas na escola para poder compreender o mundo letrado.

Portanto, quem escreve bem ler bem melhor e dessa forma a escrita se torna muito importante na vida de todos, pois com ela podemos observar tudo, seja nos diversos

contextos ela encontra-se não só na escola, mas também em outras formas de escritas como lista de supermercados, bula de remédio, outdoor entre outros.

Pereira e Calsa (2007, p. 1602) dizem que:

A escrita exige o desenvolvimento das habilidades específicas e um esforço intelectual proporcionalmente superior às aprendizagens anteriores da criança. Na escrita ocorre a comunicação por meio de código que variam de acordo com a cultura, e sua aprendizagem se dá pela realização da cópia, do ditado e na escrita espontânea.

Assim, para os autores a criança precisa aprender a ter noção do espaço que irá usar no papel, as letras que irá escrever, pois irá adequá-las ao espaço que ela dispõe para desenhar o tamanho e a forma do código alfabético que irá produzir e por esse motivo é fundamental que a escola se comprometa em subsidiar o material indispensável para que essa criança seja estimulada a um desenvolvimento dos conceitos linguísticos.

Segundo Mendonça (2009) o ensino da leitura está ligado a alfabetização como um processo complexo e árduo que exige uma metodologia eficaz e que contribua com o processo de aprendizagem dos educandos. Neste sentido, o uso do método sócio linguístico justifica-se que a metodologia ao focar a escrita e o conhecimento de mundo trabalha a realidade do aluno favorecendo assim o desenvolvimento da sua consciência crítica.

Vale enfatizar que o processo de codificar a fala e decodificar a escrita, significam, no caso, transformar, corretamente, a escrita no seu correspondente oral e a linguagem oral em seu correspondente escrito. São uma forma muito importante, para que o aluno aprenda a ler e a escrever, utilizando os símbolos alfabéticos, então o professor proporciona o reconhecimento do senso crítico e da oralidade para a sua socialização e interação com o outro.

Diante disso a escola precisa contar com professores empenhados ao processo de alfabetizar, pois o mesmo exige do docente conhecimento, habilidades e competência para dar condições a criança de construir seus conhecimentos.

É importante que o professor faça intervenção adequada ao observa a maneira que o aluno desenvolve a língua escrita, mas sem prejudicar o pensamento da criança. Assim deforma Consciente de sua função a escola pode realizar um trabalho pedagógico enfatizando a construção da linguagem (gesto, som, imagem fala e escrita).

Assim como Piaget formulou os estágios de desenvolvimento cognitivo da criança. Emília Ferreiro, estudou as concepções que as crianças apresentam sobre a escrita, demonstrou estas etapas, chamadas de fases ou níveis de desenvolvimento na construção do pensamento em relação à linguagem escrita: Ela estruturou em cinco os níveis conceituais:

De acordo com Emília Ferreiro (1985, p. 20)

Níveis conceptuais linguísticos descritos por Emília Ferreiro: *Nível- Pré- Silábico: Neste nível, escrever corresponde a produzir os traços típicos que a criança identifica como escrita (...); Nível Intermediário I: Essa fase caracteriza-se por um conflito. A criança já conhece e usa alguns valores sonoros convencionais, além de alguns trechos da palavra; (...) Nível Silábico: Nessa, a criança já conta os pedaços sonoros (sílabas) e coloca um símbolo (letra) para cada pedaço; já aceita palavras com uma ou duas letras, mas com certa hesitação; utiliza uma letra para cada palavra ao escrever uma frase, falta definição das categorias linguísticas (artigo, substantivo, verbo, etc.); (...) Saber escrever, mas não poder ler, o que foi escrito, é fator gerador do conflito de passagem para o nível superior (...). Nível Silábico-Alfabético ou Intermediário II: É mais um momento conflitante, pois a criança precisa negar a lógica do nível silábico para a hipótese alfabética. É o momento em que se começa a acrescentar letras principalmente na primeira sílaba; estabelece que partes sonoras semelhantes entre as palavras se exprime por letras semelhantes. (...). Nível Alfabético: Nesse nível a criança transpõe a porta do mundo e das coisas escrita. Consegue ler e escrever o que pensa e fala; compreende a lógica da base alfabética da escrita; compreende que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba; conhece que o valor convencional de todas as letras, formando sílabas, palavras e frases, mas, às vezes, ainda não divide a frase correspondência entre fonemas e grafias; (...). É com base nestes níveis linguístico, que os docentes precisam ter para abolir tais dificuldades encontradas por eles no que diz respeito a leitura e a escrita das crianças incentivando-as para um crescimento no seu aprendizado.

Estes níveis são indispensáveis para o desenvolvimento dos alunos desde a entrada deles na escola, níveis que deverá ser bem apresentados pelos professores, que terão o desafio de repassar um nível de cada vez para poder ter segurança na forma como vai ser repassados esses níveis de linguagens.

Inicia com a forma como a criança inicia a leitura e a escrita, desenhando traços em um papel em branco para iniciar na construção de seu nome, na segunda fase desvincula a escrita das imagens observadas. Na terceira fase a criança já faz a leitura dos símbolos, separa e junta sílabas, mas ainda não define muito bem a leitura da escrita, observa-se muito a som da escrita.

Na quarta fase utiliza o som da fala e compreende que vogais e consoantes são importantes para a escritas das palavras. No último nível a criança já consegue ler e escrever, o que pensa e o que fala, pois já tem o domínio do alfabeto, mas ainda ocorrem com frequência muitos erros ortográficos, isso acontecerá nesse nível, pois já conseguem ler, mas não conseguem escrever algumas palavras corretamente. O professor precisa adequar suas práticas pedagógicas de acordo com as dificuldades do educando, para internalizar na criança o prazer na aprendizagem.

Como afirma, Ferreiro (2000, p.61) “deverá adaptar seu ponto de vista ao da criança. Uma tarefa que não é nada fácil” a autora ainda afirma que a escola em seus métodos tradicionais prestava atenção no aspecto gráfico da escrita, ignorando aspectos construtivos, pois para a instituição era mais importante o aluno ter letra bonita do que

interpretar a escrita. Este processo de construção e aprendizagem das crianças levaram a conclusões que abalaram os métodos tradicionais de ensino da leitura e da escrita.

Assim percebe-se que a trajetória da alfabetização foi dividida em antes e depois de Emília Ferreiro, ela se tornou modelo no ensino brasileiro, fundamentada pelas descobertas do biólogo suíço Jean Piaget (1896-1980) na investigação dos processos de aquisição e elaboração de conhecimento pela criança – ou seja, o modo pelo qual ela aprende.

2.2. Conceituando alfabetização e letramento

Alfabetização é um conjunto de técnicas pedagógicas destinadas a promover a aprendizagem da leitura e da escrita, através de métodos de ensino que vem de estímulo visual e auditivo do aprendiz com letras, grupos de letras (sílabas) ou palavras completas que serão codificadas e memorizadas pelo cérebro que é capaz de recordá-los e reconvertê-los a palavra durante a escrita. A mesma é um período muito interessante para o aprendizado da criança ao chegar na escola pela primeira vez, pois será o primeiro contato do aluno com a educação formalizada. Sabemos que durante muito tempo a alfabetização foi vista como o mero repasse do código escrito, que formava alunos para as fases seguintes.

Nos anos 70 e 80 houve um elevado número de analfabetismo, a repetência e a evasão escolar estimularam a busca por novas formas de conceber e direcionar o trabalho educativo na alfabetização e os equívocos foram poucos superados:

A partir dos anos 80 e sucessivamente até hoje, a pedagogia foi atravessada por um feixe de “novas emergências”, novas exigências e novas fórmulas educativas, novos sujeitos dos processos formativos/educativos e novas orientações políticas culturais. (CAMBI, 1999, p. 638)

Essas novas fases foram marcadas por um indivíduo reflexivo voltado para conhecimento inovador, fazendo do aluno objeto de conhecimento intelectual e social, a partir de uma alfabetização atualizada com novas experiências, caracterizava-se por um processo ativo, que para a criança o contato com a cultura escrita, passava-se para a língua escrita até chegar na escrita convencional:

Ferreiro e Teberosky (1985, p. 22) diz que:

Nessa visão atual do processo é radicalmente diferente: no lugar de uma criança que espera passivamente o reforço externo de uma resposta produzida pouco menos que ao acaso, aparece uma criança que procura ativamente compreender a natureza da linguagem que se fala à sua volta e que tratando de compreendê-la, formula hipóteses, busca irregularidades, coloca à prova suas antecipações e cria sua própria gramática (que não é simples cópia deformada do modelo adulto, mas, sim criação original).

De acordo com esse novo processo de alfabetizar criança, hoje espera-se que o professor não faça somente a transmissão do alfabeto, da junção de letras e palavras, sem preocupar-se com a função da escrita, sem possibilitar o uso da linguagem escrita pela criança.

Com o conhecimento científico na área educacional, o professor tem condições de elaborar aulas de forma a chamar a atenção do aluno, com propostas significativas, com jogos e atividades que instiguem o aluno a pensar e a reformular suas hipóteses.

Sabe-se que a criança ao chegar à escola cria uma expectativa em torno dela, pois a perspectiva é de fazer novos amigos, brincar e encontrar uma professora que vá suprir as suas necessidades de ensino aprendizagem, mas nem tudo é da forma que a criança espera, é um jogo onde o primeiro contato com a criança pode ser com um docente que tenha facilidade de interagir com o outro, com métodos de ensino que favoreça que a criança sinta prazer na forma de intervenção do professor, pois tudo dependerá da formação que o docente possui, ou seja, a criança também pode se decepcionar com os métodos não adequados, por falta de criatividade do professor, que pode contribuir de forma negativa para ensino aprendido do aluno, causando desta forma, que o educando se entedie, não tendo interesse pelas aulas de leitura e escrita, sem ânimo de escrever e assim sua aprendizagem fica prejudicada.

Desta forma o processo de alfabetização e letramento feitos através de métodos ultrapassados usados por alguns professores que não tem experiências nem formação continuada para trabalhar nas séries iniciais, dificulta muito o processo de alfabetização e letramento no ensino e aprendizagem das crianças. Pois saber ler e escrever possibilita o sujeito do seu próprio conhecimento, pois sabendo ler, ele se torna capaz de atuar sobre o acervo de conhecimento acumulado pela humanidade através da escrita e, desse modo, produzir, ele também, um conhecimento (BARBOSA, 2013, P.19)

Barbosa sintetiza queo indivíduo aprende as culturas por meio da pesquisa lendo, escrevendo, assistindo, ouvindo informações e interpretando-as, aquiloque não presenciamos, não convivemos, mas que pudemos tomar para a vida, ampliando novo saberes, de maneira que os conhecimentos adquiridos tenham objetivos.

Com relação à necessidade do surgimento da escrita para o dia a dia da humanidade, Cagliari(1998, p. 14) confirma:

De acordo com os fatos comprovados historicamente, a escrita surgiu do sistema de contagem feito com marcas em cajados ou ossos, e usados provavelmente para contar o gado numa época em que o homem já possuía rebanhos e domesticava os animais. Esses registros passaram a ser usados nas trocas e vendas, representando a quantidade de animais ou de produção, negociados. Para isso, além dos números, era preciso reinventar os símbolos para os produtos e para os próprios....

Segundo o autor há muito tempo atrás, havia leitura e escrita, de uma maneira não técnica, mas que correspondia aos interesses individuais ou por uma necessidade de comunicação. A partir daí percebemos que é necessário o sistema de escrita.

Percebemos uma evolução no sentido de melhorar as habilidades de alfabetização, e durante todo esse tempo, houve a necessidade de uma organização em relação à leitura e a escrita, para que o homem pudesse transmitir seus pensamentos de maneira adequada. E que há interesses por parte dos estudiosos em criar novos métodos que avancem este processo. Correa

Então, há uma preocupação em estabelecer regras naquilo que se pesquisa não necessariamente para si, mas focado no outro. Pois abrange toda uma sociedade onde os interesses são necessários distintamente, e que desde a era primitiva vem acarretando dúvidas. Uma vez sendo um método adequado para uns muitas vezes não supri a necessidade do outro.

Contudo a alfabetizações dá ao indivíduo condições de se relacionar com o mundo por meio do código alfabético, ou seja, quando este, é instruído por outro já alfabetizado. Portanto, é indispensável o processo de alfabetização ao ser humano, pois tudo ao seu redor depende de uma interpretação. Trata-se de uma comunicação linguística, tanto com informação formal quanto informal.

Segundo, Ribeiro (2003, p.91).

Alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever, ou seja: O domínio da tecnologia- do conjunto de técnicas- para exercer a arte e ciência da escrita. Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se Letramento que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos.

A alfabetização exige planos, métodos, previsões, observações e necessita de um cuidado especial, e tratando-se de um público diferenciado capaz de não somente está aprendendo, mas discordando e criando polêmicas em situações de desconforto ao mediador. Então, é necessário que as instruções vindas, sejam de pessoas que realmente conheçam o assunto diferente de antigamente.

De acordo com Cagliari (1998, p. 15).

Na antiguidade, os alunos alfabetizavam-se aprendendo a ler algo já escrito e depois copiado. Começavam com palavras e depois passava para textos famosos, que eram estudados exaustivamente. Finalmente, passavam a escrever seus próprios textos. O trabalho de leitura e cópia era o segredo da alfabetização.

O chamado método tradicional no qual o centro das atenções era o professor, ou seja, o aluno repetia aquilo que competia a ele e suas opiniões ou ideias, não eram aceitas. Esta pedagogia veio perpetuando-se por muitos e muitos anos, embora muito criticado nos de hoje,

apresentam resultados significativos. No método tradicional, tem-se como vantagem o fato de o professor ser o centro do aprendizado e, por esse motivo, possuir um maior controle das aulas.

Segundo Ferreiro e Teberosky (1985, p.14)As crianças precisam ser protagonistas e, ainda a partir do seu aprendizado na área da alfabetização para que elas possam agir para a transformação de suas próprias vidas. Enquanto que “alfabetizar significa orientar a criança para o domínio da tecnologia da escrita, letrar significa levá-la ao exercício das práticas sociais de leitura e de escrita”. O importante é criar hábitos e desenvolver habilidades, sentir prazer de ler e escrever diferentes gêneros de textos.

Letramento segundo SOARES (2001, p. 15) é uma palavra recente do vocabulário linguístico, começa a fazer parte da educação por volta da década de 80 e foi falado pela primeira vez no livro de Mary Kato de 1986. Essa palavra surgiu da língua inglesa literacy, foi traduzida para o Português como letramento:

Portanto o termo letramento surgiu porque apareceu um fato novo para o qual precisávamos de um nome, um fenômeno que não existia, não nos dávamos conta dele e, como não nos dávamos conta dele, não tínhamos um nome para ele. (SOARES, 2001, p. 34,35)

Assim, o letramento surgiu para aprofundar a leitura e a escrita de maneira interpretativa, ou até mesmo se o indivíduo não tiver a prática da escrita, mas tenha o domínio da leitura de vida, ou seja, a pessoa não saberá ler o que está escrito, mas poderá ditar uma simples carta para uma pessoa que tenha o domínio da leitura e da escrita e também entenderá o que está sendo lido por outra pessoa como: jornais, cartas, bula de remédio, entre outros, então será analfabeta letrada. Tem o domínio da leitura quando a mesma é lida para ela.

De acordo com Soares (2001, p. 47)

O letramento é uma técnica utilizada para trabalhar a leitura e a escrita e fazer desse aluno com a ajuda de seu professor um aluno letrado, interpreta o que lê, pois quem ler bem escreve bem, e expressa-se bem melhor. Isso só pode acontecer se letramento e alfabetização caminharem juntos para o desenvolvimento do ensino e a aprendizagem do aluno Precisamos de um verbo “letrar” para nomear a ação de levar o indivíduo ao letramento... Assim, teríamos alfabetizar e letrar como duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado.

Sabe-se que a criança deve estar alfabetizada para prosseguir no seu aprendizado de interpretação com o letramento para melhor entendimento do indivíduo, lê e interpretar e, melhorar a sua escrita, mas isso só será possível se o aluno tiver um bom professor motivador

que tenha métodos de trabalho que contemple a necessidade do educando para chegar em um resultado eficaz, juntando letramento e alfabetização para que o aluno avance para outro nível de ensino lendo, escrevendo interpretando variados textos como pede o sistema nos dias atuais.

Segundo, Micotti (2009, p. 35)

Hoje, o ensino depara-se com o desafio de desenvolver práticas favoráveis à compreensão e à apropriação do mundo letrado e de seus procedimentos pelas crianças, inclusive por aquelas que, até chegarem à escola, tiveram poucas experiências com esse mundo. Nesse processo emerge a necessidade de organizar, nas aulas, dispositivos pedagógicos que incluam a interação com a escrita desde o início da escolaridade.

Portanto o letramento é muito mais do que só saber ler e escrever, ele tem uma função bem social, pois enquanto a alfabetização prepara o indivíduo para a leitura e a escrita, o letramento se compromete em fazer desse indivíduo um ser letrado. Nessa perspectiva alfabetização e letramento se juntam para o desenvolvimento do aprendizado do aluno.

Acredita-se que para a alfabetização ter um bom resultado é necessário que o professor conheça os conhecimentos prévios que o aluno traz com ele, então, fazer um diagnóstico do conhecimento dos alunos, somente a partir de tais conhecimentos pesquisar suas práticas pedagógicas e criar estratégias que possam contribuir para alfabetizar letrando.

CAPÍTULO III -

AS IMPLICAÇÕES DO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E ESCRITA: ANÁLISE DOS PROFESSORES DO 3º/9 ANO DA E.M.E.F. “SERAFIM PINTO CARDOSO” E E.M.E.F. “LUZIA VIANA PRATA”.

Nos capítulos anteriores apresentamos algumas definições sobre educação, leitura e escrita e suas alusões no contexto social como processo de interações que proporcionam um desenvolvimento integral no ser humano responsável pela construção da sociedade. Neste capítulo abordaremos o cenário onde foi realizada a pesquisa; descreveremos os procedimentos e o instrumento de pesquisa utilizado e finalmente apresentaremos os sujeitos desta investigação. O objetivo do capítulo é relacionar o processo educacional indispensável para o ser humano ao processo de ensino e aprendizagem; especificamente os desdobramentos metodológicos dos professores sobre como introduzir, aprofundar e consolidar no educando do 3º ano a leitura e a escrita no contexto de alfabetização e letramento.

3.1 Metodologia

Nesta pesquisa foi bibliográfica e de campo com uma abordagem qualitativa interpretativa para embasamento do estudo *in loco* e apropriação da realidade observada. Segundo Cervo (2002, p88) elucida ser uma pesquisa que tem como objetivo encontrar resultados aos problemas formulados. E o recurso e a consulta dos documentos bibliográficos.

Utilizou-se para a coleta de dados, um questionário semi-estruturado contendo 06 perguntas abertas e 03 fechadas, aplicado para professores do 3º ano do Ensino Fundamental todos exercendo a função. Essas questões tem o objetivo de facilitar o entendimento das práticas utilizadas pelos professores para desenvolver a leitura e a escrita dos alunos.

3.2 O Ambiente da pesquisa

A pesquisa *in loco* foi desenvolvida em dois municípios de regiões diferentes no estado do Pará, São Caetano de Odivelas e Santo Antônio do Tauá.

3.2.1. Perfil da escola

O foco desta pesquisa foram duas escolas públicas municipais, ambas de Ensino Fundamental. A Escola M.S.P.C. Está localizada na Travessa Domingos Ramos s/nº, Vila de São João dos Ramos em São Caetano de Odivelas- Pará, fundada em 18 de março de 1972. Atualmente a escola atende alunos da Educação Infantil, Pré I e Pré II, Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano, sendo que estão matriculados 120 alunos distribuídos nos turnos matutino e vespertino. No ano de 2016 foram registrados 10 alunos reprovados do 3º ano tem um corpo docente composto por 14 professores com nível superior completo ou em fase de conclusão, além de um corpo administrativo formado por 01 diretor, 01 secretário e 06 agentes de serviço gerais.

A escola em suas dependências com 04 salas de aula, 01 secretarias, 01 diretoria, 01 copa, 03 banheiros, 02 depósitos, 01 arenas esportiva usada pelo professor de Educação Física e alunos, contém vários objetos como: fogão industrial, frises, ventiladores, computadores, aparelhos de DVD, televisão, impressora, roteador, arquivos, estantes, materiais esportivos, materiais didáticos entre outros.

Além dos repassados pelo PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola), e a Prefeitura são realizados eventos no decorrer do ano letivo nas datas comemorativas, principalmente nas festas juninas, e conta com a participação dos funcionários, alunos e comunidade interna. Os lucros adquiridos são empregados em compras de materiais pedagógicos e permanentes conforme a necessidade da escola.

A escola funciona com a Resolução de nº 286/2006 do Conselho Estadual de Educação, tendo como código: 15053164 e INEP: 1507102. Trabalha com 200 dias letivos, com uma carga horária de 800 horas, para o Ensino Fundamental menor e 1160 horas para o Fundamental maior.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Luzia Viana Prata, localiza-se na Avenida Capitão Nonato, nº 03, na Vila de São Raimundo de Borralhos, município de Santo Antônio do Tauá Pará. Seu nome foi escolhido em homenagem a uma professora existente na comunidade que também contribuiu com a educação desta comunidade na década de 1940, “Luzia Viana Prata”.

A escola mede 275 metros de frente com a Avenida Capitão Nonato e 275 metros de fundo com o terreno da Sr. Naraci da Silva Cordeiro, 275 metros do lado direito com o ramal que liga São Raimundo de Borralhos e Santana da Laura, pelo lado esquerdo 275 metros com o terreno da Sr. Ediane Moreira Cordeiro, totalizando 1.100 m².

Sua clientela abrange todas as camadas sociais, tanto da Vila quanto das vizinhanças adjacentes, pois quando se faz parte de um determinado grupo social, exige-se conhecer as regras que regem a conduta daqueles que a ela pertencem fazendo parte do processo histórico e político para garantir que o ensino e a aprendizagem ocorram com sucesso.

A referida Escola foi construída na administração do Senhor prefeito municipal Raimundo Freire Noronha, inaugurada no dia 31 de Março de 1991, e o vice- prefeito Carlos Gomes Pinto Filho e seus vereadores; Everaldo Pinheiro Cordeiro, Ademar Prata da Silva Barros, Manoel Adamor Barata, Floriza Soares da Rocha, José Simão Folquino, Fabiano Borges de Pinho, Cezino de Sousa Corrêa, Jacivaldo Sousa da Cruz, Rita Madalena Barbosa, tendo como gestora Francisca Ferreira Batista, a escola foi construída com recursos próprios da Prefeitura de Santo Antônio do Tauá- Pa, e dando início as suas atividades escolares no dia 01 de Abril de 1991, funcionando de 1ª a 4ª série do ensino fundamental, possuem 09 salas de aula, 01 copa, 01 depósito de merenda escolar, 02 salas de secretaria, 03 banheiros sendo 01 masculino, 01 feminino, e 01 banheiro para os professores, 01 sala para os professores, 01 biblioteca e uma sala de leitura.

No ano de 2016, a escola possuía 430 alunos no total de turmas e foram registradas 77 reprovações, incluindo 20 alunos das turmas do 3º ano/09, atualmente a escola possui 450 alunos de 1º ao 9º ano/09 com duas turmas do 3º ano/09 com 53 alunos.

3.2.1.1. Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos desta pesquisa foram os professores das escolas públicas municipais dos municípios: São Caetano de Odivelas com a Escola Municipal Serafim Pinto Cardoso e no município de Santo Antônio do Tauá com a Escola Municipal Luzia Viana Prata.

A professora da escola M.S.P.C. determinada de professora (A) tem 20 anos de Magistério e todo esse período trabalha na mesma escola, tem o nível superior em Biologia. O professor da escola M.S.P.C. determinado como professor (B) tem 18 anos de magistério e está concluindo Pedagogia, sempre trabalhou na mesma escola. O Professor da escola M.L.V.P. determinado como professor (C) tem 11 anos de docência no magistério e está terminando o curso de pedagogia. A professora da escola M.L.V.P. determinada como professora (D) tem 20 anos de docência no magistério e já possui o nível superior em pedagogia. A professora A da escola M.S.P.C. e a professora (D) da escola M.L.V.P. tem o Magistério e o nível superior, sendo que a professora (A) tem Biologia e a professora (D) tem pedagogia que é o que o sistema pede para o perfil do professor trabalhar o Ensino Fundamental Menor. O professor B da escola M.S.P.C. e o professor (C) da escola L.V.P. eles têm o Magistério e estão cursando Pedagogia.

Observou-se que a professora (A) e a Professora (D) já possui o nível superior, porém só a professora (D) tem Pedagogia, pois a professora A tem Biologia, mas todas duas tem vários anos de Magistério. O professor (B) e o professor (C), ainda não tem nível superior completo, pois estão cursando Pedagogia e também tem vários anos de Magistério, portanto, todos os professores, tanto da escola M.S.P.C. quanto os professores da escola M.L.V.P. tem o Magistério que dá direito em trabalhar com alunos da educação infantil e Fundamental Menor.

3.3. ANÁLISE DE DADOS

Este trabalho tem por objetivo geral analisar as dificuldades do professor no processo de leitura e escrita no estudo da alfabetização e letramento para alunos do 3º ano do ensino fundamental e apresentar resultados dos dados coletados através dos professores das respectivas escolas já citadas e fazer as comparações devidas em cada item pesquisado para encontrar o resultado desta pesquisa. Os professores da escola M.S.P.C. determinados A e B e os professores da escola M.L.V.P. determinados C e D, foram bastante categóricos em suas respostas, todos entendem que para o aluno ter um bom aprendizado na leitura e na escrita é preciso que haja comprometimento e interação dos professores com a escola, alunos e família,

para estimular o ensino/aprendizagem dos educandos na expectativa de sua promoção para um novo ano alfabetizado e letrado.

No primeiro item pergunta-se como é desenvolvido o processo de leitura e escrita A professora A da escola M.S.P.C. *desenvolve a leitura e a escrita “com apresentação de figuras e ao lado completo com o nome escrito na formação de sílabas”*. Observa-se que a professora utiliza imagem e faz relação do nome a imagem. Facilitando assim a compreensão. O professor denominado B da escola M.S.P.C. Diz: *“Desenvolvo com muita satisfação as atividades com meus alunos em sala de aula que eles desenvolvam e aprendam a ler”*

Percebe-se que os professores (A) e (B) ainda possui dificuldade de alfabetizar letrando. Porém em sua fala pode-se notar que eles vêm buscando vencer o desafio, de letrar os educandos do 3º/9.

Micotti (2009, p. 35) diz que:

Hoje, o ensino depara-se com o desafio de desenvolver práticas favoráveis à compreensão e à apropriação do mundo letrado e de seus procedimentos pelas crianças, inclusive por aquelas que, até chegarem à escola, tiveram poucas experiências com esse mundo. Nesse processo emerge a necessidade de organizar, nas aulas, dispositivos pedagógicos que incluam a interação com a escrita desde o início da escolaridade.

O professor denominado (C) da escola M.L.V.P. *desenvolve a leitura e escrita dos alunos “através de pequenos textos, versos, textos variados, ditados com palavras simples para observar a caligrafia de cada aluno e também a leitura em gibi e livros com gravuras na qual eles gostam muito”*. A professora denominada (D) da escola M.L.V.P. diz: *“Desenvolvendo atividades lúdicas, usando variedades de textos, leitura em grupo e individuais”*. A metodologia utilizada é significativa para que os alunos aprendam tanto individualmente, quanto com a interação com outros alunos.

Aqui deparo com professores (C) e (D) os quais utilizam textos diversos que circulam no cotidiano dos educandos para trabalhar a leitura e a escrita através da ludicidade que é bastante presente em suas salas de aulas, pode-se observar que seu trabalho é feito de forma divertida que favorece o interesse dos alunos pela leitura e escrita, facilitando assim o letramento dos mesmos.

Assim, alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário. O ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado. (SOARES2001, p.47)

No segundo item, pergunta-se aos professores o tempo usado para trabalhar a leitura e a escrita dos alunos. A professora denominada (A) da escola M.S.P.C. diz que: *usa o tempo no “início da aula”*. O professor (B) da escola M.S.P.C. *“A partir de 9:30 das manhãs de todos os dias até 11:00 horas esse é o tempo que levo para realizar a leitura com os meus alunos”*. O professor denominado (C) da escola M.L.V.P. diz: *“Para desenvolver a leitura e a escrita do meu aluno é necessário utilizo às quatro horas ou mais. Porque eu quero que o meu aluno escreva e também leia bem”*. A professora denominada (D) também da escola M.L.V.P. diz: *“Não tenho um tempo determinado para trabalhar a leitura e a escrita, mas no decorrer da aula trabalhamos”*.

Observa-se que o professor (B) e o professor (C) utilizam a maior parte do tempo de suas aulas, para a leitura e a escrita dos alunos. Já a professora denominada (A) só utiliza o início da aula.

Acredita-se que o professor precisa organizar o cantinho da leitura e incentivar a leitura através de textos diversificados, claros e criativos, como por exemplo, Jornais, folhetos de propaganda, revistas, até algumas palavras de produtos alimentícios trazem pequenos textos repletos de informações. Os textos literários, poesias, parlendas, trava- língua, também devem ser usados. O importante é que o material escrito que é apresentado, aos educandos seja interessante e desperte a curiosidade da criança. *“O desenvolvimento das capacidades de leitura e de produção de textos ocorre durante todo o processo de escolarização, mas deve ser iniciado logo no início da Educação Básica, garantindo o acesso precoce a gêneros discursivos de circulação social”* (BRASIL, 2013)

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, o objetivo do trabalho com a leitura é promover a formação de leitores competentes:

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros já lidos, que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos (BRASIL, 1997, p. 54).

No terceiro item seguinte pergunta-se a forma de trabalhar a escrita para uma leitura interpretativa e se todos os alunos conseguem aprender. A professora (A) diz que é *“com um pequeno texto, mas nem todos conseguem”*. O professor (B) *“Eu trabalho uma escrita para uma leitura de acordo com o aluno, mas nem todos conseguem porque cada um tem uma forma de aprender”*. O professor (C) diz que é *“produzindo pequenos textos, ditados para que eles possam identificar o assunto de um texto*. A professora (D) afirma que *“é através de leitura de imagens, mas nem todos conseguem”*.

Observa-se através dos relatos dos professores que são usados métodos diferenciados para trabalhar a escrita para uma leitura interpretativa, mas o professor (B) da escola M.S.P.C. e a professora (D) da escola M.L.V.P. afirmam que nem todos os alunos conseguem aprender. “Hoje, o ensino depara-se com o desafio de desenvolver práticas favoráveis à compreensão e à apropriação do mundo letrado e de seus procedimentos pelas crianças” (MICOTTI 2009, p. 35)

Já a professora (A) da escola M.S.P.C. e o professor (C) da escola M. L.V.P. não disseram se os seus alunos conseguem ou não aprender com os seus métodos, ou seja, dessa forma subentende-se que os alunos da professora (A) e do professor (C) não conseguem aprender com as metodologias usadas por eles.

Vale ressaltar que o professor tem a competência para mudar sua prática de acordo com a necessidade da turma, atendendo as capacidades cognitivas dos alunos, ou seja é importante que o professor mude sua metodologia quando a mesma não está favorecendo o processo de ensino aprendizagem.

Segundo, Libâneo (1994. P.96)

“Boa parte dos professores de nossas escolas entende o trabalho docente como “passar” a matéria do programa, geralmente de acordo com o livro didático. É verdade que muitos livros didáticos já indicam a estruturação da aula, mas, ainda assim, o ensino permanece preso à sequência da matéria (exposição verbal, exercícios, prova),

No quarto item pergunta-se como é o comportamento dos alunos no momento da leitura e da escrita. A professora denominada (A) da escola M.S.P.C. diz: *seu comportamento é muito tumultuado* “O professor denominado (B) da mesma escola fala: *“No momento de trabalhar a leitura nem todos os alunos se comportam, mas eu controlo cada um deles”*. O professor denominado (C) da escola M.L.V.P. diz: *“Na hora da leitura a maioria se comporta bem, sem conversar, prestando atenção no professor. Dois ou três querem conversar, mas temos esse domínio para não atrapalhar os colegas”*. A professora (D) da escola M.L.V.P. *“Todos ficam atentos a leitura”*.

Nota-se que a professora (A) tem dificuldade com seus alunos no momento da leitura, enquanto os professores (B), (C) conseguem controlar a maioria dos seus alunos para o momento da leitura. Pode-se notar que o professor (B) e (C) domina sua turma na hora de concentrar para compreender os textos.

Neste contexto a leitura pode ser uma fonte de informação, de prazer e de conhecimento. Pois ela dará acesso às informações necessárias para o cotidiano e aos mundos criados pela literatura e pelas ciências. Alguns alunos no momento da leitura não conseguem

participar devido textos chatos que não conduz a sua realidade, dificultando sua compreensão. Assim contribuindo para sua falta de interesse a participar do momento da leitura.

No quinto item o foco foi as possíveis dificuldades do professor na leitura e a escrita segundo a exigência do Pacto Nacional pela alfabetização na idade certa. A professora denominada (A) da escola M.S.P.C. diz que é: *“falta de material”*. O professor (B) da escola M.S.P.C. diz que: *“Minhas dificuldades é não ter acesso ao material do Pacto, mas vou procurar esses materiais para trabalhar com meus alunos”*. O professor denominado (C) da escola M.L.V.P. Ele diz que: *“uma das dificuldades é que temos que alfabetizar a maioria dos alunos, outra é que quando arrumamos a sala se tornar um ambiente agradável os alunos, outros destroem os nossos trabalhos”*. A professora denominada (D) afirma que é *“A falta de espaço físico e o acompanhamento pedagógico”*.

Observa-se que a problemática neste item é a falta de material didático, a falta de respeito pelo trabalho do professor e a falta de um espaço físico melhor e a participação do coordenador para um apoio pedagógico.

De acordo com pacto da Educação (BRASIL, 2013)

Há vários fatores envolvidos no processo de alfabetização, mas três, em especial, merecem ser destacados. Em primeiro lugar, é fundamental contar com professores alfabetizadores bem preparados, motivados e comprometidos com o desafio de orientar as crianças nesta etapa da trajetória escolar. Um segundo fator importante é a disponibilidade de materiais didáticos e pedagógicos apropriados e que estimulem a aprendizagem, tais como livros didáticos, paradidáticos, obras de literatura, jogos e mídias variadas. Todavia, não basta dispor desses materiais, é fundamental que os professores saibam manuseá-los e extrair dos conteúdos o máximo de possibilidades para dinamizar as aulas e alcançar os objetivos da alfabetização em cada ano. Por fim, mas não por último, destaca-se que o êxito do processo de alfabetização reside também na capacidade de acompanhar continuamente o progresso da aprendizagem das crianças, por meio de avaliações contínuas, que podem ser baseadas em observações e registros sistemáticos de cada criança, bem como por avaliações estruturadas, a exemplo da Provinha Brasil.

É importante enfatizar a importância da formação continuada para professores uma vez que, devem ser um pesquisador, pois precisam estar bem orientados e conhecedores de metodologias diversificadas, com material didático adequado, para melhorar o processo de ensino aprendizagem dos educandos,

Paulo Freire (1996, p. 32):

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

No sexto item pergunta-se aos professores se eles concordam com a contribuição do PNAIC para a leitura e a escrita dos alunos? Os alunos conseguem sair do 3º ano sabendo ler, escrever e interpretar?

A professora (A) da escola M.S.P.C. afirma que: *“O Pacto ajuda sim, mas nem todos conseguem sair do 3º ano sabendo ler falta mais apoio familiar”*. O professor (B) da escola M.S.P.C. diz: *“Este programa contribui sim no trabalho do professor, mas, depende de cada aluno, nem todos conseguem sair do 3º ano por falta também de incentivo na casa”*. O professor (C) da escola M.L.V.P. diz: *“Concordo número, gênero e grau, o Pacto veio dar um suporte muito grande no desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem dos alunos. Só os que não têm vontade”*. A professora (D) da escola M.L.V.P. diz: *“concorda, pois, o Programa em si veio para facilitar a leitura e escrita dos alunos, nem todos conseguem”*.

Segundo a pergunta feita no sexto item a resposta dos professores a respeito da importância do PNAIC foi categórica todos concordam que esse programa veio para melhorar as práticas pedagógicas usadas dentro de sala de aula, pois facilita no ensino/aprendizagem dos alunos. Porém segundo a professora (A) e (B) *para que o aprendizado dos alunos seja excelente é preciso que a família esteja comprometida também para o aprendizado de seus filhos*. O professor (C) diz que *só não aprende aquele aluno que não quer*. Já a professora (D) fala que *nem todos os alunos conseguem aprender, mesmo com tantas técnicas utilizadas a partir das propostas aplicadas pela formação continuada*. Vale ressaltar que os professores (C) e (D) embora conheçam as dificuldades de seus alunos acreditam que os mesmos não aprendem por conta do desinteresse de aprender e não por falta de motivação do professor.

No sétimo item fala-se sobre a relação da leitura e escrita no contexto alfabetização e letramento. A professora denominada (A) da escola M.S.P.C. diz: *“é de maneira eficaz e necessária para uma boa leitura e escrita”*. O professor denominado (B) da escola M.S.P.C. diz que: *“relaciono de forma que os alunos aprendam a ler e escrever para não encontrarem dificuldades em outras séries ou ano”*. O professor denominado (C) da escola M.L.V.P. diz: *“é de maneira que a leitura e a escrita caminhem juntas, assim com o letramento surge sempre enraizada no conceito de alfabetização, pois o ensino da leitura e da escrita tornou-se um grande desafio para os educadores e também para as crianças”*. A professora denominada (D) da escola M.L.V.P. diz que foi *“No processo de alfabetização e letramento a leitura e a escrita é o foco primordial, pois esse ato acontece com o desenvolvimento constante, isto é, com muita prática dentro ou fora de sala de aula”*.

Segundo relatos dos professores da escola M.S.P.C. e da escola M.L.V.P. afirmam que para se ter uma leitura e uma escrita aprimorada a alfabetização deve caminhar

juntamente com o letramento, para que desta forma o aluno adquira uma escrita, e uma leitura interpretativa para atuar de forma significativa na sociedade na qual está inserido.

Segundo, Ribeiro (2003, p.91).

Alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever, ou seja: O domínio da tecnologia- do conjunto de técnicas- para exercer a arte e ciência da escrita. Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se Letramento que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos

Diante de todos os relatos dos professores da escola M.S.P.C. e da escola M.L.V.P. Percebe-se a partir de suas falas que as dificuldades enfrentadas por eles são parecidas, apesar de residirem em municípios diferentes, observa-se que a problemática é bastante presente na vida profissional desses docentes, pois não deixa de ser um desafio para todos os educadores dessas regiões, mas ainda assim são dedicados no que fazem.

Percebe-se que um dos grandes desafios do educador é trabalhar concomitantemente duas dimensões no fazer pedagógico, de forma a contemplar uma proposta de alfabetizar letrando, uma prática em que o ensino e a aprendizagem tenham sentido e significado para o aprendiz, levando-o à apropriação do código escrito e à sua utilização nos diversos ambientes sociais em que se fizerem necessários.

Entretanto é preciso que o docente reflita sobre suas práticas pedagógicas que estão sendo aplicadas e reinventem a alfabetização, ou seja ultrapassem as barreiras do alfabetizar letrando, desta forma contribuirá com uma aprendizagem significativa do educando, assim torná-los agentes transformadores da sociedade da qual estão inseridos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fazermos a análise de dados e nos apropriarmos das falas dos professores, nossas experiências pedagógicas e com embasamento teórico; ficou claro que as dificuldades descritas e justificadas, reafirmam que a práxis pedagógica carece de apropriação de uma modalidade organizativa que viabilize uma rotina permanente de leitura e escrita. Desta forma percebe-se que mesmo com formação continuada alguns professores ainda necessitam de apoio que fundamente a sua ação docente no papel de alfabetizar, mas para que aja eficácia, os métodos de alfabetização existentes precisam ser aplicados como afirma Carvalho (2008, p. 46): “Para a professora, seja qual for o método escolhido, o conhecimento das suas bases teóricas é condição essencial, importantíssima, mas não suficiente”.

Assim, permanecem as inquietações que são determinantes para as problemáticas dos docentes para uma leitura e escrita no que se refere a alfabetização e letramento, desta maneira a educação se problematiza e nos remete para a busca de referências facilitadoras para adentrarmos nas especificidades dessas problemáticas, uma vez que a escola ainda é responsável para inserir aluno em um mundo letrado

Contudo o profissional da educação não pode deixar de se aperfeiçoar, criar caminhos que possibilite a riqueza no ensino aprendizagem, o professor alfabetizador precisa acima de tudo ter amor pela profissão, paciência, domínio, pois a criança só aprende quando percebe que o profissional está disposto a ensinar simultaneamente.

Alfabetizar letrando é ensinar a criança a ler e a produzir textos em uma situação real de comunicação, que pressupõe algo que se quer comunicar a um interlocutor real com objetivos específicos dentro de um determinado tema. E não só codificar e decodificar. O processo de alfabetizar vai muito mais além. Dessa forma, é preciso organizar o trabalho pedagógico para que os alunos experimentem e vivenciem a prática da leitura e da produção de textos diversos na sala de aula.

Conforme relatos uma das grandes dificuldades apresentadas por alguns professores do 3 ano é compreender essa habilidade linguística como algo que transcende a simples decodificação. Concepções mais amplas de leitura embora já venha sendo discutido por alguns teóricos da área linguística. Os docentes encontram dificuldade de alfabetizar letrando o processo de historicidade social demonstrando que a escola deve relacionar-se com as vivências concretas de seus educandos e torná-los protagonistas do sistema que muitas e de diversas formas os deixam a margem social marginalizando-os quando nega a eles a apropriação do conhecimento de ler e escrever e compreender o que se leu.

Alfabetizar na perspectiva do letramento é propiciar a aquisição da base alfabética por meio da multiplicidade de gêneros discursivos, para que as crianças entrem em contato com diferentes usos sociais da língua ao mesmo tempo em que se alfabetizam, levando-as a perceber porquê e para que se usa a escrita. A vivência com diversos textos vai ajudá-las a compreender, a interagir com distintos modelos, possibilidades e manifestações da língua escrita.

Assim, acredita-se que os alunos irão desenvolver progressivamente competências em relação aos usos linguísticos que lhes dêem condições de resolver problemas da vida cotidiana, ter acesso aos bens culturais e alcançar a liberdade de participação no mundo letrado.

Diante dessas problemáticas chegamos à conclusão que o sistema educacional seja no macro ou no micro precisa ser inserido e analisado de acordo com a realidade que o cerca e descobrir formas de reconstrução pedagógicas que alcance o aprendizado do aluno.

REFERÊNCIAS

As Dificuldades da Alfabetização nas Séries Iniciais: Será um problema de método? (<http://pedagogiaaopedaletra.com/wp-content/uploads/2011/03/220-alfabeto1g.jpg>)

AUGUSTO, Silvana de. OLIVEIRA. **A linguagem escrita e as crianças superando mitos na Educação Infantil.**In: Caderno de formação: didática dos conteúdos formação de professores. Universidade Estadual Paulista. Pró-Reitoria de Graduação; Universidade Virtual do Estado de São Paulo.- São Paulo Cultura Acadêmica, 2011. V 1, 200 p.; (curso de Pedagogia).

BARBOSA, M. C. S. Por amor e por força: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2013. BARDIN, L. Análise de conteúdo. Trad. Luís Antero Reto e Augusto

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação** 28 ed, 1993.São Paulo: Brasiliense,

BRASIL, Ministério da Educação. **Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA).** Documento Básico Brasília. D.F. 2013 Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacional Anísio Teixeira (INEP).

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetizando sem o Ba-Be-Bi-Bo-Bu. São Paulo: Scipione, 1998.

CAMBI, França. **História da Pedagogia.** Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo. Fundação Editora da UNESP (FEV), (Encyclopédia).

CARNEIRO, Moaci Alves, LDB Fácil, **Leitura crítico-compreensiva:** artigo a artigo 18 Ed. Petrópolis. RJ: Editora voz. 2011.

DAVIS, Claudia. **Psicologia na Educação-** São Paulo: Cortez, 1994- 2 ed. Ver- (coleção Magistério. 2º grau. Série formação do professor).

DURKHEIM, Emile. **Educação e Sociologia;** tradução de Stephania Matousek.. Petrópolis. RJ: Vozes, 2011- (coleção textos fundamentos da educação).

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. Psicogênese da Língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. Psicogênese da Língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FERREIRO, Emília. **Psicogêneses da língua escrita.** Emília Ferreiro e Ana Teberosky; tradução Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas. 1985.

FERREIRO, Emília. **Com todas as Letras.** São Paulo: Cortez, 1999. 102 p. V.2.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre Alfabetização.** São Paulo: Cortez, 2000, 104 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa- São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Histórias das Ideias Pedagógicas** –Editora Ática, 8ª Edição 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Conselho Nacional de Estatística. *Contribuições para o estudo da demografia no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 1961. Parte G - Alfabetização, p. 387-448

LIBÂNEO, José Carlos **Educação Escolar**: Políticas, estrutura e organização 9 ed. São Paulo. Cortez. 2010.

MENDONÇA, O. S. **Alfabetização Método Linguístico**: Consciência Social, silábica e alfabética em Paulo Freire- 3 ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

MICOTTI, Maria Cecília de Oliveira. **Leitura e escrita**: como aprender com êxito por meio da pedagogia por projetos; prefácio de Josette Jolibert.- São Paulo: contexto 2009.

OLIVEIRA, Daniel Barbosa de. **Conceito de Educação**. Faculdade do Noroeste de Minas-Finom,ParacatuMG,2009.<http://www.com.br/content/ABAAAATI8AJ/conceito-educacao>. Acesso 15/12/2016.

PEREIRA, Lílian Alves; CALSA, Geiva Carolina. **O desenvolvimento psicomotor e sua contribuição no desempenho em escrita nas séries iniciais**.In: CELLI- COLÓQUIO DE

PIAGET, Jean. Epistemologia Genética. Tradução: Álvaro Cabral. 3ª ed. Martins Fontes: São Paulo, 2007

QUEIROZ, Tania Dias. **Dicionário Prático de Pedagogia**/ Coordenadora. 3.ed. – São Paulo: Rideel, 2011.

RIBEIRO, V. M. (Org). Letramento no Brasil. São Paulo: Global, 2003.

SOARES, Mágda. Letramento: Um tema em três gêneros.- 2 ed., 3 reimpr,- Belo Horizonte: Autentica. 2001. 128 p.

APÊNDICE

QUETIONÁRIO PARA PROFESSORES DO 3º ANO/09

- 1 – Quantos anos você tem de docência?
- 2 – Você tem alguma graduação para trabalhar com alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental? Qual?
- 3 – Como você desenvolve atividades de leitura e de escrita em sala de aula?
- 4 – Qual é o tempo utilizado para trabalhar a leitura e a escrita dos seus alunos?
- 5 – De que forma você trabalha uma escrita para uma leitura interpretativa? Todos conseguem?
- 6 – No momento de trabalhar a leitura e a escrita como os alunos se comportam?
- 7 – Quais são as possíveis dificuldades encontradas por você para trabalhar a leitura e a escrita segundo as exigências do Pacto?
- 8 – Você concorda com o PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa) veio para contribuir no trabalho do professor para a leitura e a escrita dos alunos? Os alunos conseguem sair do 3º ano sabendo ler, escrever e interpretar?
- 9 – De que maneira você relaciona a leitura e a escrita no contexto alfabetização e letramento?

ANEXO

Anexo 6 (TCC-II)**TERMO DE COMPROMISSO DE AUTENTICIDADE**

Os alunos abaixo-assinados do curso de da UFRPA/PARFOR/PEDAGOGIA, regularmente matriculados noº semestre, declaram que o conteúdo do seu trabalho de conclusão de curso, intitulado: **As dificuldades do professor no processo de leitura e escrita : Um estudo da alfabetização e letramento no 3º/9 ano do ensino fundamental** é autêntico, original, é de autoria exclusiva do grupo, salvo por pequenos trechos de outros autores, devidamente citados e referenciados. Estando ciente de que, **na entrega final do trabalho ou a qualquer tempo**, caso o mesmo seja caracterizado como plágio total ou parcial, fica (m) o (s) aluno(s) reprovado (s), sem direito a revisão de notas, sujeitando-os, também, as sanções previstas por lei.

Belém – (PA), ____/____/2017.

Nome: Aida Silva Ferreira

Nome: Rosineide Sousa de Sousa

APÊNDICE 1- PARECER DE ADMISSIBILIDADE DE TCC – II

Eu, TELMA NAZARÉ DE SOUZA PEREIRA, professora orientadora das alunas AIDA SILVA FERREIRA e ROSINEIDE SOUSA DE SOUSA.

Declaro que o trabalho com o título As dificuldades do professor no processo de leitura e escrita: Um estudo da alfabetização e letramento no 3º/9ano do ensino fundamental poderá ser apresentado em defesa pública, na data ___/___/___.

Belém, _____ de _____ de 2017.

Assinatura Do Professor Orientador

APÊNDICE 2- TERMO DE COMPROMISSO DE TCC- II

Eu, Aida Silva Ferreira, licenciatura em pedagogia, estou ciente das normas, prazos e obrigações relativos ao Trabalho de Conclusão de Curso 2017, e comprometo-me a cumpri-las, de acordo com documento normativo.

Belém, _____ de _____ de 2017

Assinatura da Aluna.

APÊNDICE 3- TERMO DE COMPROMISSO DE TCC- II

Eu, ROSINEIDE SOUSA DE SOUSA, aluna do 8º semestre do curso de licenciatura em pedagogia, estou ciente das normas, prazos e obrigações relativos ao Trabalho de conclusão de curso 2017, e comprometo-me a cumpri-las, de acordo com documento normativo.

Belém, _____ de _____ de 2017

Assinatura da Aluna